

No início do século XIX, a repressão sexual, se estendia, por exemplo, a masturbação como prática sexual, pois era contrária a procriação, e aos princípios religiosos, morais e médicos da época.

Inúmeras patologias eram atribuídas a masturbação. Havia declarações médicas, do tipo: “Não existe praticamente uma única doença que não possa vir da imoralidade e da masturbação” (Vogel).

Lembremos, que a repressão sexual, era útil, dentre dos valores e moral burgueses, quando no seu surgimento. Ela deslocava o prazer do homem, obtido na área sexual, para a área do trabalho e da produção: gerando assim lucros para a burguesia. O auge repressão, dá-se no momento do desenvolvimento do capitalismo, onde ocorre a transformação dos costumes, inclusive os sexuais.

À partir daí, a sociedade começa a tratar o jovem e a criança, como seres “assexuados”. Suas manifestações sexuais são vista com ares de preocupação, principalmente pelos pais e educadores.

Através de pesquisas recentes, realizadas na área de Educação Sexual, constatamos a dificuldade que inúmeros pais têm em falar de sexo com seus filhos, independente do seu nível sócio-econômico e cultural. Quando os pais mantêm uma conversa acerca de sexo com os filhos é para lembrarem dos riscos que ele representa. Raramente, referem-se ao prazer, as descobertas, ao amor, relacionados a sexualidade. Diante desse quadro, qual a postura dos pais? Delegam, alguns deles, para a escola a Orientação Sexual dos seus filhos. Mas será que a escola está preparada, de fato, para corresponder a essa expectativa dos pais? O *Professor está preparado para essa tarefa?* Sabemos, que o professor geralmente faz parte da mesma geração dos pais de seus alunos; com dúvidas e inquietações similares, gerando assim, receios, insegurança... O falar sobre sexo na escola, é um assunto recente.

Objetivamos verificar neste trabalho, o preparo técnico dos profissionais da área da educação, da rede municipal de ensino de São Paulo, região de Campo Limpo (eles futuros orientadores sexuais); utilizando como recurso de análise e discussão, os dados coletados em pesquisa realizada em maio de 1994, junto à estes profissionais.

2. MATERIAL E MÉTODO

2.1 População alvo

A amostra do universo da pesquisa são 70 (setenta) profissionais da área da educação, de 8 (oito) escolas da rede municipal de ensino de São

Paulo, da região de Campo Limpo (periferia da zona sul do Município de São Paulo).

2.1.1 Perfil geral da população pesquisada

Cinquenta e oito são professores que ministram aulas para o primeiro grau, além de outros doze profissionais da área da educação; sendo dois inspetores de alunos; oito coordenadores pedagógicos; um supervisor de ensino e um assessor da Delegacia Regional de Ensino de Campo Limpo (DREM-5).

- 90,00% são do sexo feminino;
- faixa etária compreendendo entre 25 e 50 anos de idade;
- 64,29% são casados;
- 82,86% possuem curso superior completo;
- 45,72% lecionam das 5ª às 8ª séries do 1º grau;
- 87,14% não possuem experiência no que tange a Orientação Sexual de forma sistemática, junto aos alunos.

2.2 Instrumento

Utilizando como instrumento de pesquisa, um questionário (anexo I) contendo perguntas abertas, que objetiva verificar o conhecimento teórico do professor orientador sexual, sobre a sexualidade; além do seu real preparo para lidar com questões concretas, como a gravidez na adolescência.

2.3 Procedimento

Por ocasião da Capacitação Profissional em Orientação Sexual, trabalho este realizado pela Unidade Básica de Saúde de Campo Limpo (Secretaria de Saúde do Município de São Paulo), e Delegacia Regional de Ensino de Campo Limpo (Secretaria Municipal de Educação); foi aplicado o questionário supra citado, junto aos 70 profissionais da área da educação.

3. RESULTADOS

Optamos por discorrer acerca dos dados mais significativos, no que se refere ao maior e menor percentual encontrados na pesquisa.

Tabela 1: O que significa para você o trabalho de Orientação Sexual (O.S.) com os adolescentes?

.50,00% (35 pessoas) O.S. espaço de informações, para dirimir dúvidas, discussão, aconselhamento e apoio.

.2,85% (2 pessoas) O.S. complementa Educação Sexual familiar.

Comentários pertinentes, válidos e que se completam, denotando a abrangência e a complexidade da Orientação Sexual nas escolas. Ressaltamos que a O.S. busca auxiliar no desenvolvimento psicossocial da criança/adolescente visando o exercício de sua sexualidade de maneira segura, responsável, prazerosa e conseqüente, em relação a si e ao outro; extrapolando assim, o campo somente da informação.

Tabela 2: Quais as maneiras de contrairmos os vírus HIV (AIDS)?

Respostas obtidas classificadas nos seguintes tópicos: transfusão com sangue contaminado; relação sexual; drogas injetáveis; transmissão vertical (de mãe para filho).

.100,00% (70 pessoas) citaram a transfusão de sangue;

.10,00% (7 pessoas) apontaram a transmissão vertical (de mãe para filho).

De modo geral, acreditamos ser bom o nível de conhecimento teórico dos pesquisadores, com respeito ao modo de transmissão do vírus da AIDS.

O baixo índice no item transmissão vertical justifica-se por requerer maiores informações específicas do profissional da educação. Diferente seria o nosso conceito, se o profissional em foco, fosse o da área da saúde.

Tabela 3: Quais são os métodos anticoncepcionais, considerados *os ideais* para os adolescentes?

.81,00% (57 pessoas) indicaram a camisinha (condom, preservativo ou camisa de vênus);

.34,00% (24 pessoas) mencionaram a pílula;

.9,00% (6 pessoas) citaram o diafragma;

.4,00% (3 pessoas) afirmam desconhecerem os métodos anticoncepcionais ideais para adolescentes;

.3,00% (2 pessoas) apontaram respectivamente, a tabelinha, o DIU (Dispositivo intra-uterino) e o coito interrompido.

A utilização de métodos anticoncepcionais pelos adolescentes é um assunto permeado de controvérsias. Entendemos, ser a camisinha, o método anticoncepcional ideal para os adolescentes.

O índice de 81,00% obtido, demonstra um bom nível de conhecimento teórico, sobre esse método em particular; conhecimento esse, que poderia ser melhorado. Quanto aos demais métodos anticoncepcionais, não fazem distinção entre os anticoncepcionais indicados para adolescentes e os não indicados. Encontra-se num mesmo patamar de indicação métodos eficazes (DIU) e não eficazes (tabelinha e coito interrompido).

Denota-se assim, um grau de informação fragmentada com noções incipientes. Necessitam os pesquisados de maiores informações, sobre as características gerais do conjunto de métodos anticoncepcionais existentes.

Tabela 4: A apresentação do caso: Camila é uma garota de 14 anos, e namora escondido dos pais, com Paulo de 17 anos. Eles já tiveram algumas relações sexuais, e não usaram nenhum método anticoncepcional. Camila anda preocupada... Sua menstruação está atrasada à 17 dias. Ela te procura para conversar sobre sua situação. Como você agiria?

.79,00% (55 pessoa) encaminhariam a adolescente, e por conseguinte seu caso para “terceiros”, sendo: 56% para profissionais da área da saúde e 23% para sua família. Diante disso questionamos:

- a) Profissionais da Saúde: atuação fundamental e necessária, mas o encaminhamento em si não assegurará o atendimento da garota.

. ela comparecerá ao serviço público de Saúde?

. se for, quando será atendida? Quem a acompanhará nesse ínterim? O profissional, quando vir a atendê-la, lidará de forma adequada a questão, e suas referidas implicações?

- b) Família de Camila: necessária a sua participação no caso desde que, seja constatada a gravidez, e com autorização prévia da adolescente. Deveriam ser considerados alguns aspectos, pelo professor; antes de contatá-la:

. qual sua estrutura interna?

. como se estabelece o relacionamento interpessoal?

. qual sua configuração interna, que justificaria Camila namorar “escondido”?

. como reagirão, caso seja confirmada a gravidez?

- c) Professor Orientador Sexual:

. o índice de 79% nos dá margem a pensar que devido sua in experiência em Orientação Sexual, ele delega a outros, responsabilidades, que poderiam também ser suas.

. 39% (28 pessoas) que corresponde a somatória dos demais itens levantados: denotam a dificuldade que o professor pesquisado apresenta em lidar com a questão. Fornecem respostas vagas como: “daria o apoio necessário” (sic) (não esclarecem que tipo de apoio será esse e como se dará); conver-

sariam com os pais de Camila (seriam mediadores? esperemos que na presença da garota e com o seu consentimento prévio); alertariam das conseqüências do ato sexual (somente agora?). Alguns profissionais da área da educação dariam orientações sobre os métodos anticoncepcionais (apenas sobre eles?); e outros, afirmaram claramente, que não saberiam como proceder, frente ao caso em questão.

4. CONCLUSÃO

Constatamos após término da pesquisa junto aos profissionais da área da educação que

1. Necessitam de um maior aprofundamento teórico, frente a dois temas fundamentais no trabalho de Orientação Sexual nas escolas: os métodos anticoncepcionais e as formas de transmissão do vírus da AIDS;

2. Frente uma situação concreta como a suspeita de gravidez na adolescência demonstraram: insegurança, receios, incertezas, imediatismo. Assumiram posturas individuais distintas: o do encaminhar; conselheiro; “amigo” mediador; e orientador.

3. A dificuldade apresentada pelos pesquisados em como *proceder*, frente uma suposta gravidez, em si deriva-se de falta de experiência dos mesmo no trabalho de Orientação Sexual; e conseqüentemente, da vivência com suas problemáticas (a gravidez “ indesejada”; aborto sexual; etc. Apesar de terem grau de instrução elevado (82,86% com nível superior), com uma provável vida sexual ativa (64,29% casados), alguns com filhos adolescentes, isso não lhes dá a segurança suficiente, em saberem como atuar. Isso deve-se talvez, a escassa educação sexual que receberam através dos anos, ou mesmo, uma formação profissional, que não contemplava prepará-los, de forma ampla, a lidarem com a sexualidade das crianças e adolescentes.

A capacitação técnica e a supervisão sistemática (pós-capacitação) aos profissionais da área da educação, são instrumentos que minorariam, a insuficiência teórica e prepararia-os para o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, junto a criança e adolescentes, etc. Onde seriam enfocadas as várias dimensões da sexualidade: fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais. Dessa forma, os futuros orientadores sexuais, estariam: seguros no desenvolvimento do trabalho de O.S.; constantemente atualizados; teriam a possibilidade de ter seu trabalho acom-

panhado de forma sistemática, por uma equipe de profissionais especializados na área; a com isso espaço para reflexão, dirimir dúvidas teóricas e/ou técnicas; reverem postura pessoais, frente a sexualidade humana, etc.

A capacitação/supervisão técnica pode ser fruto da união inter-secretarial (Secretaria da Educação e da Saúde), como foi o que ocorreu entre a Delegacia Regional de Ensino de Campo Limpo (DREM-5) e a Unidade Básica de Saúde de Campo Limpo (PMSP), trabalho este, que resultou na pesquisa ora apresentada.

TABELA 1

- O que significa, para você, o trabalho de orientação sexual a adolescentes?
- Total de questionários aplicados: 70.

Respostas obtidas	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Espaço de informação/orientação	35	50,00%
Obter maior responsabilidade/maturidade/prevenção	15	21,45%
Importante/sério	9	12,85%
Trabalho de libertação/medos/tabus/culpas	7	10,00%
Base para a vida sexual do jovem	2	2,85%
Complementar a educação sexual/familiar	2	2,85%

TABELA 2

- Quais as maneiras de contrairmos o vírus HIV (AIDS)?
- Total de questionários aplicados: 70.

Vias de Contaminação	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Transfusão de sangue contaminado	70	100,00%
Relação sexual	69	99,00%
Drogas injetáveis	47	67,00%
Transmissão vertical	7	10,00%

TABELA 3

- Quais os métodos anticoncepcionais considerados “ideais” para adolescentes?
- Total de questionários aplicados: 70.

Métodos	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Condom (camisinha)	57	81,00%
Pílula anticoncepcional	24	34,00%
Diafragma	6	9,00%
Outras respostas	4	6,00%
Não sei	3	4,00%
Tabelinha	2	3,00%
D.I.U.	2	3,00%
Coito interrompido	2	3,00%
Em branco	1	1,00%

TABELA 4

- Análise do Caso: Como agiriam diante da suspeita de gravidez, garota de 14 anos, rapaz de 17 anos?
- Total de questionários aplicados: 70.

Ação	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Encaminhaeria para profissionais da área de Saúde	39	56,00%
Aconselharia a adolescente a conversar com a sua família	16	23,00%
Daria "apoio" necessário	15	21,00%
Professor conversaria com os pais	5	7,00%
Orientariam sobre métodos anticoncepcionais	3	4,00%
Não saberiam o que fazer	3	4,00%
Alertariam das conseqüências do ato sexual	2	3,00%

ANEXO I

Questionário:

.Escola:

.Nome:

.Idade:

.Grau de Instrução:

.Estado Civil:

.Para que série leciona?

.Já desenvolveu um trabalho sistemático de Orientação Sexual?

1. O que significa, para você, o trabalho de Orientação Sexual a adolescentes?

2. Quais as maneiras de contrairmos o vírus HIV (AIDS)?

3. Quais são os métodos anticoncepcionais, considerados os *ideais* para adolescentes?

Caso:

Camila é uma garota de 14 anos, e namora escondido dos pais, com Paulo 17 anos. Eles já tiveram algumas relações sexuais, e não usaram nenhum método anticoncepcional, Camila anda preocupada... Sua menstruação, está atrasada a 17 dias. Ela te procura para conversar sobre sua situação. Como você agiria?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERNARDI, Marcello. *A deseducação sexual*. Editora Summus, 1985.
2. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Edições Graal, 1985.
3. GTPOS, ABIA, ECOS, SIECUS. *Fórum Nacional de Educação e Sexualidade. Guia de Orientação Sexual - Diretrizes e Metodologia da Pré-escola ao Segundo Grau*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
4. MASTERS, William e JOHNSON, Virginia E. *O relacionamento Amoroso - Segredos do Amor e da Intimidade Sexual*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
5. PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e Paixões - A cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Best Seller, 1991.
6. SUPLICY, Marta. *Sexo para adolescentes*. São Paulo, Editora FTD, 1988.
7. TIBA, Çami. *Sexo e Adolescência*. São Paulo, Ática, 1992.